

12.10.57

## UMA "BLAGUE"

12-10-5

OS vinhos eram franceses; a lagosta «au gratin»; o supremo, de galinha; a «mousse», de abacaxi; a «charlotte», de damasco; e o momento, de festa. Fazia anos o senhor deputado Armando Falcão.

Conheço-o pouco, e só por ouvir dizer. Certa vez apresentou um requerimento de informações sobre as atividades de uma certa empresa; logo depois serviu a essa empresa como advogado. Quem deve saber essa história direito é o poeta Schmidt, porque a empresa era a Orquima e o poeta funciona lá. Mas Schmidt está no estrangeiro. Aliás, posso informar que (o poeta) anda horrorizado com as atividades de um irmão de um certo ministro, que (o irmão) estaria enriquecendo de maneira excessivamente vertiginosa.

Se quiserem saber detalhes, perguntem ao poeta. Eu não conto. Os ministros que não fiquem aborrecidos comigo; há muitos ministros; há ministros no Judiciário, no governo, na diplomacia, na religião. Também não conto nada sobre o irmão de um certo diretor que, forçando um certo negócio, pegou 10 por cento — mesmo porque se trata de coisa «mincha», cinco milhões (a porcentagem, naturalmente). Ora, voltemos à festa. Há muitos diretores e ministros no mundo e ninguém é guarda de seu irmão.

A festa era boa; o sr. Falcão, acumulando hábilmente suas funções de deputado e advogado, ganha bem, e gasta o que é seu; tinha mesmo de dar o grande, pois os convidados eram a papa fina: o presidente, e o vice; o ministro da Guerra e o vice — perdão! — e o da Justiça; e senadores, e outras pessoas bem.

Estou contando essas coisas, mas não vi nada. Li em «O Globo». O título é assim: «Entre sorrisos e «blagues» — O general Lott entretém o repórter várias horas contando coisas do passado e do presente». Conhecido como é o fino espírito do general Lott, um tal título dá para atrair multidões e faz o jornal vender mais que revista com Sônia Loren decotada na capa. Agarrei o jornal, avisei ao meu mordomo que não estava para ninguém, desliguei o telefone reservado e atirei-me sôfregamente, sem quaisquer restrições mentais, aos sorrisos e «blagues» do general.

Uma delícia; não sei se o general provou os vinhos franceses, mas seu espírito é puramente gaulês, com ligeira queda para o ateniense. «Blagues» maravilhosas; não vou repeti-las porque não é justo roubar a matéria de «O Globo»; contarei só a primeira e a última.

A primeira foi, a propósito de qualquer coisa, o general perguntar ao repórter: «O senhor acha-me parecido com Jesus Cristo?». A última foi a melhor; naturalmente a essa altura o general já estava embalado pelo seu próprio espírito e pelos sorrisos e exclamações de apoio dos presentes. O ministro da Guerra do presidente Café Filho conta então trechos do episódio em que depôs e prendeu seu presidente, e faz a «blague» suprema: «Se houve um traído, fui eu».

Não, o general não se parece com Jesus Cristo. E, já que estamos falando em traição, nem com Judas também. Ah, o ingênuo, pobre Judas, que se enforcou de remorso; ele não sabia fazer «blagues»...